CAPÍTULO I KITSUNE: THE SPIRIT WITHIN

em todos os povos conhecem os segredos das raposas, mas é certo que algumas dessas criaturas possuem um pouco mais do que a astúcia e a esperteza que as tornam famosas. Há uma espécie, chamada kitsune, formada de raposas inteligentes, de grande longevidade e possuidoras de poderes mágicos, dentre os quais a capacidade de se transformar em humanos.

Foi justamente com um kitsune que começou essa história, Hoshi. Ele era companheiro, e o companheiro

mais fiel, de uma jovem elfa druida chamada
Linwenn. Hoshi amava Linwenn profundamente, e
esperou ansiosamente até ter idade suficiente para
se transformar em humano; ela sabia disso e
retribuía o sentimento completamente e eles
ficaram juntos por tempo o bastante para viver
esse dia. Pode-se dizer que Priska nasceu num
ambiente de amor, e que tinha, naquele primeiro
momento, uma grande chance de ter uma vida feliz e
confortável ao lado de sua família.

No entanto, a sorte é deveras sensível e tem o poder de, num piscar de olhos, mudar completamente as possibilidades. Um dia desastroso e uma batalha malsucedida foram o bastante para colocar a pequenina raposa nas mãos de drows inescrupulosos e com ganância o bastante para ver aquele pequeno bebê como uma mercadoria valiosa.

Dos drows para o mercado negro e de lá para Thay foi uma longa viagem, mas ela não viu e não soube, era jovem demais para lembrar o caminho de casa, e viveu num ambiente desconfortável o bastante para sequer aprender que tal coisa podia existir.

Os arcanos vermelhos tinham seus próprios interesses, e é difícil definir os motivos que os impulsionaram a comprar aquela pequena criatura: seja porque os kitsunes não eram criaturas comuns de Faerûn, ou porque de alguma maneira eles podiam saber da mágica que existia naquele ser; mas eles a levaram e foram tudo o que ela conheceu durante algum tempo.

CAPÍTULO II Through her own eyes.

s pessoas não me conhecem muito bem, nunca me conheceram. Você vê uma criança na sua frente, e num segundo já chegou a uma porção de conclusões precipitadas. Comigo foi sempre assim. Eu aprendi a viver com isso, aprendi a tirar vantagem quando possível.

Outra coisa sobre as pessoas é que elas têm maneiras distintas de reagir a situações semelhantes. Grande parte delas acredita que qualquer tipo de sofrimento por um tempo prolongado exige uma resposta à altura contra todo o mundo, é algo do tipo "O mundo me deu limões e eu vou espremê-lo nos seus olhos"; eu acredito na antiga história de "se a vida te dá limões você faz uma limonada, bem gostosa de preferência". Eu não quero descontar no mundo nenhum mal que me tenha sido feito, não acho que tenha que ser uma pessoal miserável só porque alguém, algum dia, foi miserável comigo.

Por algum tempo, quando eu era muito, muito jovem, eu me perguntei porque estava ali, como eu tinha ido parar naquele lugar. Mas não foi MUITO tempo e eu percebi, eu era mesmo uma criança na época e percebi que não adiantava me perguntar, nem gritar, nem chorar. As crianças aprendem rápido, e eu aprendo MUITO rápido.

Quando eu parei de chorar eu fiquei quieta e abri os olhos, embora eu admita não ter ficado assim tão quieta, mas encher o saco de homens arrogantes e orgulhosos às vezes até vale alguns castigos; eu tinha aprendido algum tempo antes que eles não pretendiam me matar, eu não era uma escrava, era um experimento mágico, seja qual for a diferença.

Eu não tenho certeza de o que exatamente eles estavam estudando a meu respeito, mas pelas coisas que eu ouvi e observei acho que é algo sobre a natureza dos meus poderes. Pegavam um pouco do meu sangue às vezes, mas eu não estou certa se é dele que vem a minha habilidade natural para a magia. Eu também não sei dizer muito bem se foram eles que me deram a cauda e o par de orelhas. O que eu sei é que, seja qual for o motivo pelo qual eu sou assim, não é algo que me incomode e já é tão natural para mim quanto respirar, ou comer, ou dormir.

Mas mesmo magos inteligentes cometem erros às vezes, e eles também me subestimaram. Eu sei que não é tão surpreendente uma criança ser subestimada por homens de arrogância excessiva, mas eram eles que estavam me estudando, eram eles que me colocavam para dormir numa jaula, todas as noites, nos últimos anos. O mínimo que se esperava deles é que soubessem que as raposas são traiçoeiras, não que eu o seja, mas quando você coloca em perspectiva, em relação aos homens que me prendiam numa jaula como um bichinho de estimação talvez eu realmente fosse. Na verdade nem foi tão difícil escapar, o que me fez pensar por um bom tempo, enquanto eu, sem rumo, ia embora de Thay, se aquilo não era na verdade apenas algum tipo de teste.

Muitas pessoas me olhavam curiosas, ainda olham, eu sei que elas se perguntam o que eu sou, de onde venho, e embora eu tenha me perguntado isso muitas, muitas vezes, eu nunca deixei que elas soubessem que isso era importante para mim tanto quanto nunca deixei que soubessem que havia um tanto mais em mim, que havia a criança sim, mas também a jovem, como se parte de mim tivesse ficado, mas parte tivesse crescido tanto quanto os anos que se passaram. Todas essas coisas eu guardei para mim: a importância das perguntas que eu não podia responder; a confusão quanto à maturidade com a qual eu percebia o mundo; o medo que eu tinha de tantas coisas simples.

CAPÍTULO III A LIFE OF ADVENTURES.

oram necessários muitos anos para que a oportunidade e a coragem se combinassem, criando uma situação conveniente o bastante para livrar Priska de sua vida cativa. A oportunidade é o mínimo necessário para que isso fosse possível, porém o medo foi o maior dos obstáculos.

Mesmo a rotina de um prisioneiro ainda é uma rotina, e o carcereiro ainda é um guardião, e a prisão ainda é um teto sob o qual se pode dormir. Quando não se tem absolutamente nada para o que voltar, ou qualquer lugar para onde ir, o medo de se ver pedido no mundo, absolutamente sozinho, pode ser o bastante para fazer com que alguém agüente situações lastimosas pelo simples fato de serem a única coisa que conhece, especialmente uma criança.

Ainda assim, coragem e oportunidade finalmente se encontraram, e a pequena garota conseguiu escapar de sua cela. Ela teve muita sorte de escapar viva das fronteiras de Thay, escondida numa embarcação que partia de Bezantur. Pode-se dizer que esse primeiro momento de liberdade definiu bastante a maneira como a garota levou a vida por um bom tempo que se seguiu, ela aprendeu a se aproveitar o máximo da sorte, das oportunidades e da graciosidade que ela sequer sabia que tinha, e que parecia ter uma forte influência nas decisões dos adultos de ajudá-la.